


CAPÍTULO 05

 <https://doi.org/10.58871/ed.academic.0005.v2>

ASPECTOS DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

ASPECTS OF EATING BEHAVIOR OF CHILDREN AND ADOLESCENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER

AMANDA MORAIS DE FARIAS

Nutricionista. Pós-graduanda em Educação Inclusiva do IFSuldeMinas

ROSILENE LIMA DA SILVA

Pedagoga. Mestre em Educação. Professora de TCC em Educação Inclusiva no IFSuldeMinas

RESUMO

Objetivo: Avaliar por meio da revisão de literatura o comportamento alimentar de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Metodologia:** Realizou-se uma revisão de literatura integrativa baseada na análise de artigos indexados em bases de dados disponíveis de forma eletrônica e gratuita. **Resultados e Discussão:** As alterações no comportamento alimentar de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista são apresentadas com características bastante comuns. Os padrões restritos e repetitivos de comportamento, dentre eles a seletividade alimentar, são definidos como uma realidade para as crianças com TEA e suas principais interferências discorrem pela tríade entre o pouco apetite, a recusa alimentar e o desinteresse pelo alimento. **Considerações Finais:** Os diversos comportamentos apresentados no momento das refeições, ambos relacionados a desordens sensoriais, seletividade de acordo com textura, consistência, temperatura e até mesmo aparência visual, favorece o indivíduo a deficiências nutricionais, adicionando a segurança alimentar e nutricional em risco, haja visto que o cenário da infância quando modificado pode definir influência direta a longo prazo, ou seja, ao longo da vida desse indivíduo.

Palavras-chave: Desenvolvimento infanto-juvenil; Transtornos alimentares; Autismo.

ABSTRACT

Objective: To evaluate, through literature review, the eating behavior of children and adolescents with autism spectrum disorder. **Methodology:** An integrative literature review was carried out based on the analysis of articles indexed in databases available electronically and free of charge. The research was based on concepts structured around the theme Aspects of Eating Behavior in Children and Adolescents with Autism Spectrum Disorder. Scientific articles published in two databases were selected: *Scidentific Electronic Library Online* (SCIELO) and Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS).

Results and Discussion: Changes in the eating behavior of children and adolescents with autism spectrum disorder are presented with very common characteristics. Restricted and repetitive patterns of behavior, including food selectivity, are defined as a reality for children with ASD and their main interferences are related to the triad between poor appetite, food refusal and lack of interest in food. **Final considerations.** The various behaviors presented at the time of meals, both related to sensory disorders, selectivity according to texture, consistency, temperature and even visual appearance, favors the individual to nutritional deficiencies, adding to food and nutritional security at risk, given that the childhood scenario, when modified, can define a direct influence in the long term, that is, throughout the life of that individual.

Keywords: Child and Youth Development; Eating Disorders; Autism.

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) foi observado pela primeira vez no ano de 1943 pelo cientista Leo Kanner, com o objetivo de descrever as causas encontradas no atraso entre o desenvolvimento de onze crianças. Kanner desempenhou estudos para que fossem possíveis compreender qual fator estaria interligado ao comportamento do grupo das crianças selecionadas (KANNER, 1943).

Com base nesse aspecto pode-se definir o transtorno do espectro autista como um conjunto de desordens agrupadas ao neurodesenvolvimento do indivíduo, correspondendo a diversas ocorrências que podem ser observadas ainda nos primeiros anos de vida da criança. No mundo, esse comprometimento tem alcançado altos índices com ao passar dos anos, sendo avaliado por alterações que se classificam desde sintomas leves a déficit mais persistentes (MAPELLI *et al.*, 2018).

De acordo com Chiarotti e Venerosi (2020), a estimativa entre a frequência de novos diagnósticos para o transtorno do espectro autista nas últimas décadas pode ser descrita entre aproximadamente 1 a cada 55 crianças, valores esses significativos quanto a influência já encontrada no cenário atual, principalmente quando se observa uma etiologia ainda desconhecida, possibilitando assim um acompanhamento baseado apenas em evidências.

Com base nesse conceito, apesar da impossibilidade de definir uma razão etiológica, as características de crianças e adolescentes com TEA podem ser consideradas como de origem multifatorial, envolvendo aspectos que variam desde o vínculo genético, ambiental, físico e biológico. Constructos esses que podem ser melhor exemplificados quando se indaga sobre a idade e etnia dos pais, tipo de parto da mãe, alimentação, tabagismo, alcoolismo e fatores próprios do ser, como baixo peso ao nascer e outros aspectos semelhantes (WANG *et al.*, 2017).

O diagnóstico é realizado ainda de maneira precoce e estabelecido por meio de critérios comportamentais que incluem desde a dificuldade de interação social e familiar, com déficit de

comunicação verbal e/ou não verbal, ações repetitivas e costumes próprios de que podem se apresentar em diferentes formas e contextos relacionados aos costumes, atividades e interesses já concretizados no indivíduo, correlacionando a possibilidade de outras definições futuras como ansiedade, distúrbios do sono, estresse, hiperatividade e entre outros (CATELLI *et al.*, 2016).

Dentro desses critérios pode-se perceber que crianças com autismo são muito persistentes ao novo e apreensivas a novas descobertas e com isso a seletividade alimentar se torna recorrente. Essa variação de comportamento se apresenta entre vários eixos da vida do indivíduo, e em especial nos atos que garantem um relacionamento apropriado com a alimentação (MAPELLI *et al.*, 2018).

A seletividade alimentar no autista pode ser classificada por características e aspectos variáveis. Essa variação pode ser apresentada entre três bases distintas, a primeira conduzida pela recusa alimentar, a segunda fundamentada pelo consumo limitado de alimentos e a terceira pode-se fundamentar por uma alimentação de alta frequência habitual.

Assim, a alimentação quando seletiva por parte desse público é atribuída a condutas atípicas, e a recusa alimentar se torna frequente e nela pode estar engajado as aversões por texturas, temperaturas, cores, aparências, consistência, aspectos olfativos como cheiro forte e até mesmo a embalagem ou apresentação em que se encontra o alimento (LAZARO *et al.*, 2018).

Partindo-se para a observação quanto aos impactos causados pelas alterações comportamentais na alimentação, conseqüentemente a biodisponibilidade de nutrientes nas crianças e adolescentes autistas pode permanecer reduzida, comprometendo ainda mais seu estado nutricional e qualidade de vida, favorecendo a um quadro de fragilidade imunológica e o acúmulo de patologias (MONTEIRO *et al.*, 2020).

Compreendendo-se, portanto, que uma alimentação saudável e diversificada pode ser a essência para garantir o crescimento e desenvolvimento infantil de forma adequada. A temática baseia-se na importância da investigação do que constrói a literatura científica sobre a restrição de consumo alimentar na infância e adolescência de pessoas autistas e bem como a presença dos sintomas desencadeados que podem modificar a saúde desses indivíduos. Assim sendo, o objetivo dessa pesquisa é avaliar por meio da revisão de literatura o comportamento alimentar de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista.

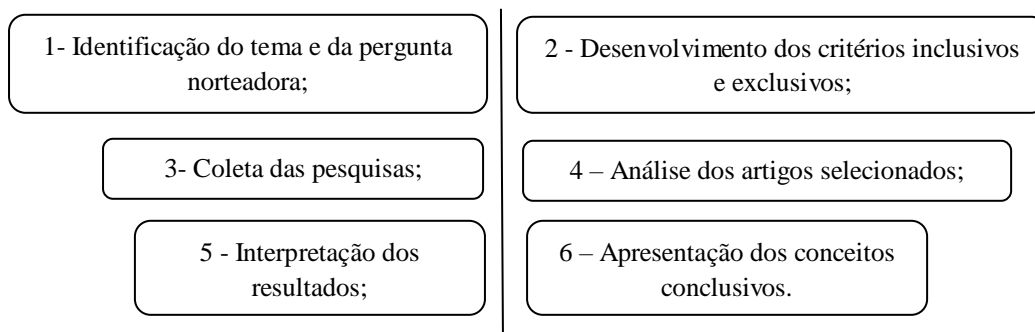
METODOLOGIA

Realizou-se uma revisão de literatura integrativa de abordagem qualitativa. A pesquisa foi baseada em conceitos estruturados na temática “Aspectos do Comportamento Alimentar de Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)”. Apresentando a seguinte questão norteadora: Como é abordado o comportamento alimentar de crianças e adolescentes com TEA, segundo a literatura?

O levantamento bibliográfico ocorreu segundo a biblioteca *Scientific Electronic Library Online (SCIELO)* e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e de acordo com a base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS). Para tanto, as bases de dados foram escolhidas de acordo com a relevância nacional e internacional e bem como, de acordo com a finalidade para os acervos da área da saúde. Foram utilizados os termos registrados no site de Descritores em ciências da saúde (DeCS), “Desenvolvimento infanto-juvenil”, “Transtornos alimentares”, “Autismo”, sobre interligação do operador booleano “AND”.

Segundo Ercole *et al.*, (2014) as etapas para construção de estudos com critério metodológico de revisão de literatura do modo integrativa devem se determinar mediante seis processos:

FLUXOGRAMA 1: Etapas para construção da revisão integrativa:



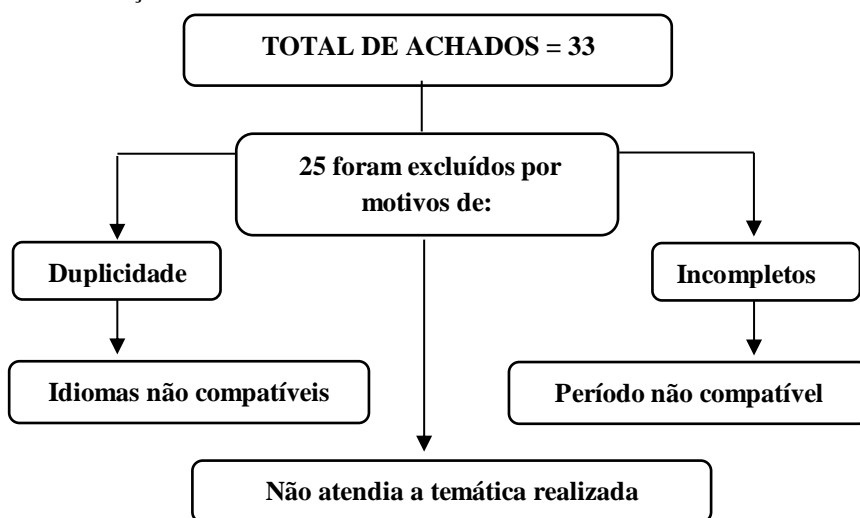
Fonte: Autores, 2022.

Os critérios de seleção dos artigos foram compreendidos de acordo com o ano de publicação do trabalho, incluindo as pesquisas publicadas entre 2014 a 2021, em idiomas português espanhol e inglês, disponíveis em formato gratuito e que abordassem totalmente ou parcialmente conceitos relacionados ao conteúdo do estudo. Em contrapartida a esses aspectos, para os critérios de exclusão foram verificados artigos incompletos, duplicados nas bases de dados selecionadas, revisões de literatura e estudo que não estavam de acordo com o objetivo e temática dessa pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizando-se os critérios mencionados anteriormente (Inclusão e exclusão), foram obtidos 33 artigos, que, após a leitura foram descartados 25. Os demais artigos participaram da segunda etapa, onde, 8 fizeram parte desta revisão, o motivo da exclusão dos demais artigos estão presentes no fluxograma abaixo.

FLUXOGRAMA 2: Relação dos trabalhos descartados



Fonte: Autores, 2022.

Os artigos estudados estão apresentados na tabela 1, nos quais foram classificados conforme o nome do Autor e Ano de publicação; Objetivos; Amostra e principais Resultados observados.

Tabela 1: Distribuição dos artigos selecionados.

Autor/Ano	Objetivos	Amostra	Resultados
Kang <i>et al.</i> , 2021.	Caracterizar a natureza e gravidade das dificuldades de alimentação em crianças asiáticas com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) e identificar potenciais preditores de piores resultados de alimentação.	Crianças de 1 a 7 anos com TEA. Foram coletadas informações demográficas, checklist escala de avaliação, questionário de estilo de alimentação do cuidador.	Das 67 crianças, 28,4% apresentavam dificuldades de alimentação (pontuação de frequência total BPFAS alta). Os estilos de alimentação do cuidador foram autoritários (34,8%) ou indulgentes (39,4%). As características da criança não predizem significativamente a gravidade das dificuldades de alimentação.
Rezende, 2021.	Investigar a hipótese dos autistas perceberem os gostos básicos de maneira diferente dos indivíduos saudáveis, através de testes gustativos, cujo resultados serão	Foram selecionadas 50 crianças/adolescentes de 6 a 16 anos, divididas em dois grupos.	Os participantes com Transtorno do Espectro autista, neste estudo, apresentaram limiares mais baixos do que o grupo controle, para os gostos doce e salgado. O que pode sugerir maior sensibilidade dos autistas para estes gostos. O doce

	comparados ao grupo controle.		foi o preferido; e o azedo foi o mais rejeitado, pelos dois grupos.
Paula <i>et al.</i> , 2020.	Verificar a presença e frequência dos transtornos da ingestão e alimentação presentes em portadores do Transtorno Autístico assistidos pela Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE) em Goiânia e Anápolis.	Análise dos prontuários dos pacientes da APAE de Goiânia e de Anápolis, foram encontrados 52 pacientes diagnosticados com Autismo Infantil (F84).	Os resultados deste artigo confirmam a presença de transtornos alimentares na população autista em 100% da amostra estudada, em diferentes graus, uma vez que não houve um caso de respostas negativas à todos os questionamentos da Escala.
Rocha <i>et al.</i> , 2019.	Analisar a possível presença de comportamentos de seletividade alimentar em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Participaram desta pesquisa cerca de 32 crianças com o diagnóstico de TEA atendidas na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) na cidade de Caxias-MA.	Os resultados deste estudo apontam que os participantes possuem comportamentos tendenciosos à seletividade alimentar. O principal comportamento identificado na alimentação foi a repetição dos mesmos alimentos consumidos e dificuldades com a textura que eles apresentavam.
Swed-Tobia <i>et al.</i> , 2019.	Avaliar a deficiência de micronutrientes em crianças com TEA.	Participaram desta pesquisa crianças e jovens diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista.	Resultou-se que três crianças com TEA que apresentaram recusa para andar e gengivite que passaram por avaliações abrangentes antes de estabelecer o diagnóstico de deficiência de vitamina C (escorbuto). Os sintomas desapareceram após o tratamento com vitamina C.
Caetano; Gurgel 2018.	Avaliar o estado nutricional e o consumo alimentar de crianças portadoras do transtorno do espectro autista (TEA).	Participaram 26 crianças, de 3 a 10 anos de idade, com diagnóstico do TEA, de ambos os sexos, atendidas no município de Limoeiro do Norte, Ceará.	Das crianças avaliadas, 10 (38,5%) apresentaram sobrepeso (23,1%, n=6) e obesidade (15,38%, n=4) pelo IMC/I (Índice de Massa Corporal para Idade), bem como 10 crianças (38,5%) apresentaram risco de sobrepeso. O consumo de energia (EER) esteve acima do recomendado para 14 (53,85%) dos autistas. Identificou-se inadequação no consumo de vitamina A (77%, n=20), vitamina B6 (58%, n=15) e cálcio (50%, n=13).
Leon, 2017.	Conhecer a adequação do consumo de energia, macronutrientes e micronutrientes antioxidantes, a partir da alimentação de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista.	Estudo transversal, realizado em Centro de Atendimento ao Autista com alunos de 2 a 18 anos de idade.	A ingestão de selênio e zinco ficaram abaixo das necessidades em 43% (n=38) e 19% (n=17). Na faixa etária entre 9 e 18 anos estes percentuais foram superiores (Se 58%, n=18 e Zn 31%, n=10) aos apresentados por aqueles entre 2 e 8 anos (Se 34%, n=20, p=0,043 e Zn 12%, n=7, p=0,046). Quanto aos alimentos mais citados, o leite de vaca foi o que mais contribuiu para as vitaminas (A, B12 e E) e os minerais (Se e Zn). Embora o consumo de energia e a

			distribuição de macronutrientes da alimentação tenham sido adequados para crianças e adolescentes com TEA, a ingestão de vitaminas e minerais ficou abaixo das necessidades de uma parcela da amostra.
Ferreira, 2016.	Avaliar se o Transtorno do Espectro Autista afeta o comportamento alimentar e seu reflexo no estado nutricional das crianças portadoras de TEA.	Estudo transversal, realizado no Centro de Neuropediatria de Curitiba - Paraná, com 34 crianças em idade pré-escolar (2 a 6 anos).	Não houve diferença significativa no estado nutricional entre crianças com autismo leve e moderado ($p=0,71$). A análise do recordatório alimentar indicou que a dieta das crianças diagnosticadas com TEA era insuficiente em cálcio, ferro, zinco, ácido fólico, vitamina A, D, E e todas as crianças não atingiram a recomendação diária de fibras, e o consumo de vitamina C, B12 e B6 foi superior ao recomendado. Foi observado excesso de consumo de energia, carboidratos, e gordura saturada, e todas as crianças excederam o consumo de proteína.

Fonte: Autores, 2022.

As alterações no comportamento alimentar de crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista são apresentadas com características bastante comuns. Os padrões restritos e repetitivos de comportamento, dentre eles a seletividade alimentar, são definidos como uma realidade para as crianças com TEA e suas principais interferências discorrem pela tríade entre o pouco apetite, a recusa alimentar e o desinteresse pelo alimento (LEON, 2017).

Em um outro estudo realizado em 2021, os autores observaram que a maioria dos participantes eram de gravidade TEA leve a moderada e mesmo assim, a recusa alimentar tornou-se evidente. Os comportamentos alimentares apresentados pelos jovens eram problemáticos e classificavam ações indesejáveis, tais como: empurrar ou cuspir o alimento na hora da refeição, tornando-se um fator preocupante para os pais e cuidadores (Kang *et al.*, 2021).

Nesse sentido, Kang *et al.*, (2021), corroboram com as análises desenvolvidas por Rocha *et al.*, (2019), nas quais permitiram avaliar as abordagens classificadas pelos pais de 29 crianças em Caxias, Maranhão. Por meio de um questionário, o estudo verificou que 85,7% dos participantes apresentaram dificuldades com a alimentação adequada. Nessa porcentagem, 65,5% das crianças especificaram bloqueio em consumir novos alimentos e 51,7% das dificuldades se relacionaram com a textura dos alimentos ofertados.

Diante dos expostos, as informações discorrem que apesar da seletividade alimentar ser recorrente em crianças autistas, essa característica pode levar consequências ao indivíduo desde

que não seja inicialmente acompanhada. A ingesta limitada de alimentos e das diferentes fontes nutricionais pode desencadear carências nutricionais prevalentes que podem afetar o crescimento físico e o desenvolvimento biológico do autista, caracterizando assim malefícios em toda a sua qualidade de vida (FERREIRA, 2016).

Paula *et al.* (2020) também permitiu verificar os eixos entre a seletividade alimentar e as medidas centrais nas quais o público destacava maior tendência entre o baixo consumo alimentar. Neste, pode-se relevar que as alterações com maior frequência foi a seletividade alimentar por frutas e derivados (2,84), apresentando também uma média para o baixo consumo de vegetais (2,66) e alimentos com alteração na consistência (2,53) e temperaturas (2,66).

Caetano e Gurgel (2018), trazem, para esse estudo uma importante discussão, onde os autores analisaram que as porcentagens entre a ingestão de carboidrato pelos participantes selecionados para o estudo se classificava adequada (57,69%), aspecto também definido quanto a quantidade do consumo de proteínas (88,46%). No entanto, os lipídios (65%) se delimitavam com valores abaixo do recomendado. Valendo salientar, que, quantidades insuficientes de alimentos com substratos de gorduras saudáveis podem acarretar na redução da absorção de alguns compostos vitamínicos, como os micronutrientes lipossolúveis.

Á vista disso, os dados avaliados por Swed-Tobia (2019), detectou que três crianças diagnosticadas com autismo apresentavam deficiência de Vitamina C (escorbuto) e que isso repercutia em dificuldades de locomoção e em sangramento gengival. No entanto, os malefícios na alimentação do autista não se conclui apenas com as adversidades encontradas em alguns grupos alimentares, mas, bem como, também se deve abordar sobre as preferências e consumos excessivos de alguns alimentos.

No estudo de Rezende (2021), em uma avaliação sobre a preferência e sensibilidade aos diferentes sabores, pode-se analisar que o gosto doce foi aceito em maior prevalência, sendo definido como bom por 55% do grupo experimental e 40% do grupo controle, ou seja, sendo aceito por quase a metade entre os dois grupos. Enquanto que as definições como ruim foram expostas por 30% do grupo experimental e 53% do grupo controle. Por fim, o gosto salgado também foi avaliado e apresentou menos preferência que os alimentos ricos em açúcares e derivados, foi indicado que 20% do grupo experimental destacou os alimentos salgados como bom e como ruim foi definido por 50% do grupo experimental.

Considerando os aspectos em que os autistas apresentaram maior sensibilidade em determinados alimentos e maior predileção por outros, tais como gostos salgados e doce, estes podem apresentar uma alimentação menos saudável, rica sódio e açúcares refinados,

corroborando para a presença de novas patologias, tais quanto obesidade, diabetes e hipertensão, complicações nas quais podem ser associadas ao risco de mortalidade precoce.

CONCLUSÃO

Conforme os resultados dos artigos selecionados para compor esse estudo, crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em qualquer nível de comprometimento, seja ele com autismo leve, moderado ou avançado poderá desencadear algum grau de aversão alimentar.

Os diversos comportamentos apresentados no momento das refeições, ambos relacionados a desordens sensoriais, seletividade de acordo com textura, consistência, temperatura e até mesmo aparência visual, favorece o indivíduo a deficiências nutricionais, adicionando a segurança alimentar e nutricional em risco, haja visto que o cenário da infância quando modificado pode definir influência direta a longo prazo, ou seja, ao longo da vida desse indivíduo.

Evidencia-se, portanto, que a intervenção por parte do profissional Nutricionista se faz necessária, uma vez que o adequado consumo alimentar se torna um fator primordial na qualidade de vida e desenvolvimento da criança com TEA e esse profissional poderá colaborar não somente com a prescrição de uma dieta, mas, sobretudo, com o acompanhamento e incentivo cauteloso e atento na introdução de novos nutrientes. Assim, é inegável a importância de novos estudos, para se obter de maneira clara novas descobertas acerca da nutrição ou de nutrientes específicos na terapêutica do autismo, assim como estratégias e dietas que favoreçam a ampliação de alimentos mais saudáveis na dieta de pessoas autistas.

REFERÊNCIAS

CAETANO, M. V.; GURGEL, D. C. Perfil nutricional de crianças portadoras do transtorno do espectro autista. **Revista brasileira em promoção da saúde**, v. 31, n. 1, p. 1-11, 2018.

CATELLI, C. L. *et al.* Aspectos motores em indivíduos com transtorno do espectro autista: revisão de literatura. **Cadernos de pós-graduação em distúrbios do desenvolvimento**, v. 16, n. 1, p. 56-65, 2016.

ERCOLE, F. R. *et al.* Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014.

FERREIRA, N. Estado nutricional em crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Nutrir**. Ponta Grossa, v. 1, n. 9, 2016.

KANG, Y. *et al.* Dificuldades de alimentação em crianças asiáticas com transtorno do espectro autista. **Ann Acad Med Singap**, v. 49, n. 6, pág. 384-386, 2020.

KANNER, L. Distúrbios autísticos de contato afetivo. **Acta pedopsiquiátrica**, v. 35, n. 4, pág. 100-136, 1943.

LÁZARO, C. P. *et al.* Escalas de avaliação do comportamento alimentar de indivíduos com transtorno do espectro autista. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 20, n. 3, p. 23-41, 2018.

LEON, C. **Avaliação do consumo dietético em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

MAPELLI, L. D. *et al.* Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Escola Anna Nery**, v. 22, 2018.

MONTEIRO, M. A. *et al.* Transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática sobre intervenções nutricionais. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, 2020.

MORAES, L. S. *et al.* Seletividade alimentar em crianças e adolescente com transtorno do espectro autista. **Revista da Associação Brasileira de Nutrição-RASBRAN**, v. 12, n. 2, p. 42-58, 2021.

PAULA, F. M. *et al.* Transtorno do Espectro do Autismo: impacto no comportamento alimentar. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 5009-5023, 2020.

REZENDE, I. **Percepção Gustativa no TEA: um estudo sobre os gostos básicos**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ROCHA, G. *et al.* Análise da seletividade alimentar de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 24, p. e538-e538, 2019.

SWED-TOBIA, R. *et al.* Alimentação altamente seletiva no transtorno do espectro do autismo levando ao escorbuto: uma série de três pacientes. **Neurologia Pediátrica**, v. 94, p. 61-63, 2019.

WANG, C. R. *et al.* Fatores pré-natais, perinatais e pós-natais associados ao autismo: uma meta-análise. **Medicina**, v. 96, n. 18, 2017.